



## A Meditação de Gonçalves Dias e o escravismo nos anos 1840

### Gonçalves Dias' Meditação (Meditations) and slavery in the 1840s

Dossiê: intérpretes do Brasil

Regina Zilberman\*

ORCID: 0000-0002-0834-214X

E-mail: regina.zilberman@gmail.com

Recebido: 22/11/2024  
Aprovado: 10/02/2025

#### Resumo:

O escravismo, no Brasil, inicia-se nas primeiras décadas da colonização e, em termos de número de pessoas transferidas da África para o Brasil, atinge seu ponto mais elevado nos anos 1840. No começo dessa década, Gonçalves Dias reside em Portugal, onde completa seus estudos jurídicos. Ao retornar ao Maranhão, onde nascera, encerra e publica os *Primeiros cantos*; também redige *Meditação*, poema em prosa divulgado entre 1849 e 1850 nas páginas de *Guanabara*, periódico do Rio de Janeiro de cuja direção participava. *Meditação* caracteriza-se por denunciar de modo vigoroso o escravismo; contudo, a impressão do texto é interrompida em 1850, levando ao esquecimento da obra. Gonçalves Dias, depois de *Meditação*, não volta a se referir, de modo explícito, ao escravismo, o que sugere a acomodação do poeta diante das forças políticas da época.

#### Palavras-chave:

Gonçalves Dias; *Meditação*; escravismo.

#### Abstract:

Slavery in Brazil began in the first decades of colonization and, in terms of the number of people transferred from Africa to Brazil, reached its peak in the 1840s. At the beginning of this decade, Gonçalves Dias lives in Portugal, where, in Coimbra, he studies Law. On return to Maranhão, where he was born, he completed and published *Primeiros cantos*; he also wrote *Meditação* (*Meditation*), a prose poem published between 1849 and 1850 in the pages of *Guanabara*, a Rio de Janeiro journal whose board he directed. *Meditação* is characterized by its strong denunciation of slavery; however, the printing of the text was interrupted in 1850, leading to the oblivion of the work. After *Meditação*, Gonçalves Dias never again made any explicit reference to slavery, which suggests that the poet was accommodating to the political forces of the time.

#### Keywords:

Gonçalves Dias; *Meditação*; slavery.

---

\*Doutorado em Romanística pela Universidade de Heidelberg (Alemanha, 1976), com estágios de pós-doutorado no University College (Inglaterra, 1980-1981) e na Brown University (EUA, 1986-1987). Professora do corpo docente permanente dos Programas de Pós-Graduação em Letras da UFRGS e da UEMA, é bolsista 1A do CNPq e pesquisadora visitante emérita na UFF.

## 1. O escravismo e os intelectuais no Brasil

Os primeiros grupos de escravizados importados da África alcançaram a região correspondente, na atualidade, ao estado de Pernambuco à época em que o sistema de capitânicas começava a ser implementado na colônia americana de Portugal, entre 1530 e 1540. A expansão do escravismo associou-se nesses tempos à exploração das riquezas agrícolas, como a cana de açúcar, cujas plantações expandiram-se progressivamente graças à adaptabilidade do solo ao tipo de aproveitamento desejado.

A cada ciclo econômico da história brasileira no período colonial correspondeu um movimento de ocupação e ampliação do território, assim como ao povoamento, estimulado, de uma parte, pela imigração portuguesa, de outra, pela transferência compulsória de escravizados africanos. As primeiras décadas posteriores à separação política de Portugal, quando a cultura do café, na região do rio Paraíba, amparou as finanças nacionais, propiciaram a intensificação do comércio de escravizados, apesar das discussões, nada eficazes, da Constituinte de 1822 sobre a interrupção do tráfico negreiro, e da pressão inglesa, que esperava do novo país uma ação mais consistente que impedisse o mercado de seres humanos.

Os letrados residentes na América portuguesa, a maioria oriunda da metrópole e vinculada à administração colonial, não poderiam ignorar a circulação de pessoas, especialmente as originárias da África por força dos interesses econômicos que, destinadas sobretudo ao campo e ao trabalho forçado, eram brutalmente descarregadas nos portos locais. Desde o século XVII, quando se expandiu a urbanização da região nordestina, até o XIX, quando foi assinada a Lei Áurea, que suprimia sua prática legal, o escravismo esteve, de distinta maneira, presente na escrita de nossos artistas e intelectuais.

No século XVII, Gregório de Matos (1636-1695) referia-se de modo desdenhoso aos mulatos, e Antônio Vieira (1608-1695) aceitava a escravidão dos africanos, desde que ficasse assegurada a liberdade (controlada) dos indígenas. No século XVIII, poetas afrodescendentes ocupam espaços no cenário literário, como Silva Alvarenga (1749-1814), autor dos versos amorosos de *Glaura*, e Domingos Caldas Barbosa (1740-1800), que encantava a plateia portuguesa com modinhas e lundus, gêneros de procedência afro-brasileira. A denúncia da violência cometida sobre os escravizados aparece nas *Cartas chilenas*, de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810), datadas provavelmente de 1786. Por sua vez, dois outros afro-brasileiros, nas primeiras décadas do século XIX, o fluminense Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa (1812-1861) e o pernambucano José da Natividade Saldanha (1796-1830), tomavam posição relativamente ao racismo. O primeiro condenava-o em *Três dias de um noivado*, de 1844, o segundo, nos Poemas oferecidos aos amantes do Brasil, de 1822, livro publicado em Portugal, denunciava a

desigualdade e a falta de liberdade. Ao mesmo tempo, enalteciam conquistas negras – a Revolução do Haiti, em *A independência do Brasil* (1847-1855), de Teixeira e Sousa, a bravura de Henrique Dias, “altiva fronte do Africano” (Saldanha, 1822, p. 63), comparável a heróis proeminentes da Antiguidade, em uma das odes de Natividade Saldanha dedicadas à celebração da resistência nordestina aos invasores holandeses.

Por sua vez, pensadores, como Gonçalves de Magalhães (1811-1882) nos anos 1830, acusam o escravismo de ser o responsável pelo atraso do país:

Assim é que um bárbaro senhor algema seu escravo, receoso que ele se escape, e só lhe desprende um braço ou outro quando dele algum trabalho requer. A Economia Política tem combatido vitoriosamente o erro, que desde muito lavrava na política, que um povo não se pode engrandecer senão à custa de outro povo, e com sacrifício de tudo que o rodeia. [...].

[...]. A Deus praza que este perigoso fermento, que entre nós gira, este germe de discórdia, ressaibo ainda da não apurada educação, e sobretudo a escravidão, tão contrária ao desenvolvimento da indústria<sup>1</sup>, e das artes, e tão perniciososa à moral, não impeçam sua marcha e seu engrandecimento. (Magalhães, 1836, p. 141).

Se, da sua parte, intelectuais e artistas incriminavam o escravismo, políticos e representantes da classe proprietária procuravam justificá-lo. À época da primeira constituinte, tão logo o Brasil alcançou a independência diante de Portugal, os debates foram acirrados, dividindo-se entre os que julgavam, como José Bonifácio (1763-1838) (Bonifácio, 1884), que o regime escravocrata deveria ser paulatinamente suprimido, e os que pleiteavam sua manutenção, justificando que os próprios escravizados eram beneficiários do sistema (Anônimo, 1838).

Na primeira década do segundo reinado, instalado após o golpe da Maioridade, que guindou o adolescente Pedro de Alcântara (1825-1891) à posição de imperador do Brasil, a questão mantinha-se candente, sobretudo, de uma parte, porque aumentava o número de cativos importados da África em decorrência do sucesso da economia modelada pela exportação do grão de café, de outra, porque crescia a pressão britânica sobre o chamado tráfico negroiro.

Escritores e escritoras que inauguravam sua trajetória criadora no período não ficaram indiferentes à questão, ainda que a história da literatura nem sempre registre sua atuação ou examine composições em que manifestam seu posicionamento. Gonçalves Dias, um dos principais representantes do Romantismo brasileiro e autor de obras que traduzem muitas das pautas nativistas do período, foi um dos poetas que reagiu ao

---

<sup>1</sup> A consciência de que o escravismo comprometia o desenvolvimento industrial é exposta em outro artigo do volume de *Niterói* em que Magalhães publicou o *Ensaio sobre a história da literatura do Brasil*. Em “Considerações econômicas sobre a escravatura”, Francisco de Sales Torres Homem (1812-1876), resume os prejuízos decorrentes da prática escravocrata: “A escravatura após si arrasta os seguintes inconvenientes: 1. A inércia das classes livres; 2. A dificuldade de emigração dos colonos europeus, que modo algum se querem expor a concorrer com escravos; 3. A impossibilidades do uso das máquinas; 4. O estado de pobreza da nação, pela limitada produção, e pela imperfeição dos produtos, resultado da indolência e incapacidade do escravo; 5. A lentidão da marcha da população.” (Torres Homem, 1836, p. 81-82).

escravismo por meio da escrita. A *Meditação*, datada da época em que o autor complementava os *Primeiros cantos*, seu livro de estreia, é o texto que provavelmente melhor expressa sua visão do tema.

## 2. Gonçalves Dias e a Meditação

Vindo à luz em 10 de agosto de 1823, Antônio Gonçalves Dias nasceu pouco depois do Brasil, que se separou oficialmente de Portugal em 1822. O pai, o português João Manuel Gonçalves Dias, comerciante estabelecido na maranhense Caxias, estava na época refugiado em sítio localizado nas cercanias da cidade, temendo as represálias dos novos senhores da terra, conforme propõe Lúcia Miguel Pereira na biografia dedicada ao poeta (Pereira, 2018, p. 25). Antônio era “filho natural” ou ilegítimo, e a mãe, “filha da terra”, como descreve a biógrafa nos anos 1940 (Pereira, 2018, p. 22). Incerta quanto à mescla racial de Vicência Mendes Ferreira, Lúcia Miguel Pereira decide que a moça era “o produto de cruzamento de índio e cafuz ou mulato.” (Pereira, 2018, p. 28). A procedência étnica da mãe do garoto determinava a condição afro-brasileira de seu descendente.

O menino foi educado na casa paterna, mesmo quando João Manuel se casou oficialmente com Adelaide Ramos de Almeida. O comerciante faleceu em 1837, e a madrastra responsabilizou-se pela formação do então adolescente. Com quinze anos, ele transfere-se para Portugal, com o intuito de estudar na Universidade de Coimbra, onde se diplomou em Direito. Retornou em 1845, instalando-se primeiramente na cidade natal e, depois, mudando-se para São Luís. Nesse período, completou a organização dos *Primeiros cantos*, reunindo os versos que até então produzira, e redigiu *Meditação*, que, em 1850, publicou parcialmente na *Guanabara*, periódico carioca de cuja direção então participava.

Quando o primeiro volume de *Guanabara* foi lançado, correspondendo ao ano de 1849, Gonçalves Dias era um poeta bastante prestigiado, tendo lançado os *Primeiros* e os *Segundos cantos* respectivamente em 1847 e 1848. Pertencia aos quadros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), posição que levou Pedro II a encomendar-lhe a memória *Brasil e Oceania*. O escritor apostava ainda que poderia ser bem sucedido como dramaturgo, tendo proposto *Beatriz Cenci* ao Conservatório Dramático Brasileiro, que, contudo, negou permissão para encenar a peça, por considerá-la “infame”<sup>2</sup>. No ano seguinte, submeteu *Leonor de Mendonça*, publicada por conta própria em 1847, cuja representação foi aprovada, mas não exibida por falta de interessados em financiá-la.

*Meditação* é um texto cujo estilo difere daqueles que Gonçalves Dias vinha ou viria a utilizar até então. A obra não é formada por versos líricos, como os dos *Cantos*, que o popularizaram, nem épicos, como os de *Os timbiras*, quando o escritor testou suas

---

<sup>2</sup> A censura à *Beatriz Cenci* é matéria das dissertações de Priscila Souza de Lira (LIRA, 2012) e de Jéssica de Oliveira Guimarães (Guimarães, 2021).

habilidades como criador de uma epopeia. Ainda que use o diálogo, passa longe da forma dramática; e pouco tem a ver com os relatórios que, a partir dos anos 1850, vieram a constituir a principal forma literária adotada pelo artista maranhense.

Talvez inqualificável, pode-se considerar *Meditação* uma das vertentes da prosa poética, frequentemente empregada pelos criadores românticos. Nogueira da Silva vale-se da expressão “estilo bíblico” (Silva, 1942, p. 51), reiterando a classificação encontrada no índice do volume relativo a 1850 de *Guanabara*; Wilton José Marques identifica, no texto, as influências de *Palavras de um crente*, de Felicité Robert de Lamennais (1782-1854), e de *A voz do profeta*, de Alexandre Herculano (1810-1877). Com efeito, tal como nessas obras, os parágrafos, curtos, são compostos de orações absolutas, que enunciam verdades inquestionáveis, resultantes de um oráculo detentor de sabedoria.

*Meditação* pode ser considerada caso único na obra de Gonçalves Dias, ainda que adequado a um escritor que transita com familiaridade por distintas modalidades de discursos. É talvez um tipo raro na literatura brasileira, se o tomamos do ponto de vista da “literatura séria”, podendo aparecer ocasionalmente em criações paródicas ou satíricas. Decerto por essa razão não figure entre os estudos dedicados ao autor maranhense, noventa e nove fora as competentes pesquisas que Wilton José Marques dedicou ao texto (Marques, 2010).

Redigida entre 1845 e 1846, como anotado ao final de cada capítulo, a obra foi publicada de modo incompleto na *Guanabara*. Antônio Henriques Leal inclui a versão integral nos *Poemas póstumos*, de 1868. Em 1959, Manuel Bandeira, organizador da *Poesia completa e prosa escolhida* de Gonçalves Dias, insere *Meditação* no volume, reproduzindo as escolhas de Leal, apenas atualizando a ortografia.

*Meditação*, a cujo título se segue a indicação de que se trata de um fragmento, subtítulo identificado entre parênteses, é formado por três capítulos, subdivididos em segmentos numerados com algarismos romanos. Desses três, dois capítulos foram publicados integralmente na *Guanabara*, e o último de modo parcial, encerrado na parte V, conforme anota Antônio Henrique Leal em sua edição, a que se seguem mais oito segmentos.

Comenta Wilton José Marques, levantando a hipótese de que se trataria de censura:

[...] Mais importante do que propriamente precisar o mês em que o saiu o terceiro capítulo da *Meditação*, é constatar que deste último texto de Gonçalves Dias foram suprimidas oito partes (da sexta à décima terceira) que apresentavam uma crítica contundente aos políticos envolvidos nas lutas regenciais. Teria sido o poeta censurado? (Marques, 2010, p. 97).

Na edição de *Guanabara*, *Meditação* (Fragmento) abre com a indicação do capítulo primeiro, a que se segue o algarismo II e o texto, como se verifica na figura a seguir (Dias, 1850, p. 102):

**MEDITAÇÃO.**

(Fragmento.)

**Cap. 1.º****II.**

Então o velho estendendo a mão descarnada e macilenta tocou as minhas palpebras, que scintillarão como sentindo o contacto de um corpo electrizado.  
E diante dos meus olhos se estendeu uma corrente de luz suave e colorida como a luz de uma aurora boreal.

Em 1868, Antônio Henriques Leal introduz linhas pontilhadas após a indicação do capítulo I, I (Dias, 1868, v. III, p. 7), prática que a versão de 1909, publicada pela Garnier, reproduziu, como se observa abaixo (Dias, 1909, p. 3), o que é reiterado por Manuel Bandeira no volume da *Poesia completa e prosa escolhida*, de 1959 (Dias, 1959, p. 741). Introduz-se, assim, um segmento inicial, inteiramente pontilhado, sem palavras, o que distorce a composição proposta pelo poeta quando decidiu divulgar o texto:

## CAPITULO I

—

I

.....  
 .....  
 .....  
 .....

O recurso se repete na abertura no segundo capítulo, e é interpretado por Wilton José Marques como característico do gênero do fragmento, utilizado pelo poeta (Marques, 2010, p. 142-143). O terceiro capítulo não inicia da mesma maneira, mas termina com uma linha pontilhada, resultado possivelmente de nova interferência de Antônio Henriques Leal, mas, de todo modo, referendando a noção de que o texto não tem um começo e uma conclusão convencional: principia de modo aberto e, aparentemente, é assim que acaba.

Entre os dois limites, contudo, há um encadeamento de frases que se poderia julgar condizentes com uma narrativa. Na primeira linha do trecho intitulado capítulo 1, II, o narrador utiliza um “então” seguido de um gerúndio – “Então o velho estendendo a mão descarnada e macilenta” –, e relata o que sucede depois, a saber, as ações experimentadas pelo sujeito em primeira pessoa, dando conta de suas reações e do ambiente circundante:

E as minhas pálpebras cintilaram como sentindo o contato de um corpo eletrizado.

E diante dos meus olhos se estendeu uma corrente de luz suave e colorida, como a luz de uma aurora boreal. (Dias, 1959, p. 741).

O diálogo se instala a partir do quarto segmento, quando o ancião pede ao jovem narrador que descreva o que vê. O rapaz refere-se inicialmente a “uma prodigiosa extensão de terreno”, provavelmente “algum grande império”, cuja natureza, de grande beleza, o impressiona. Depois de caracterizar o pano de fundo composto pelo espaço deslumbrante, destaca a presença de “milhares de homens”, frisando a diferença entre os que são “de cor preta” e os que “de cor branca” (Dias, p. 742). Esses ocupam o lugar central, e suas maneiras são “senhoris e arrogantes”, enquanto “os homens de cor preta têm as mãos presas em longas correntes de ferro, cujos anéis vão de uns a outros – eternos como a maldição que passa de pais a filhos!” (Dias, 1959, p. 742).

O segmento III apresenta outra cena testemunhada pelo jovem visionário: o açoite de um idoso negro por um “mancebo imberbe” (Dias, 1959, p. 742), a reação do homem espancado, sua luta por livrar-se das cadeias. O ancião conduz o olhar de seu interlocutor a outro quadro, no segmento IV, que mostra um cenário de destruição e decadência. Nesse meio, o rapaz identifica a presença inegável da escravidão, tópico repetido ao final de cada fragmento:

E nessas cidades, vilas e aldeias, nos seus cais, praças e chafarizes – vi somente – escravos!

E à porta ou no interior dessas casas mal construídas e nesses palácios sem elegância – escravos!

E no adro ou debaixo das naves dos templos – de costas para as imagens sagradas, sem temor, como sem respeito – escravos!

E nas jangadas mal tecidas – e nas canoas de um só toro de madeira – escravos; - e por toda a parte – escravos!... (Dias, 1959, p. 743).

Na continuação, o narrador cogita que, se um estrangeiro aportasse em algum lugar do “vasto império”, julgaria que “um vento inimigo o levou às costas d’África”; contudo, “conhece por fim que está no Brasil”. Esse é qualificado primeiramente como “terra da liberdade”, “terra ataviada de primores e esclarecida por um céu estrelado e magnífico”, virtudes logo a seguir desmentidas pela presença do escravismo e a exploração dos cativos:

Mas grande parte da sua população é escrava – mas a sua riqueza consiste nos escravos – mas o sorriso – o deleite do seu comerciante – do seu agricultor – e o alimento de todos os seus habitantes é comprado à custa do sangue do escravo! (Dias, 1959, p. 743).

Nesses trechos, o sujeito da enunciação reproduz a palavra “escravo” por sete vezes, sendo que, no último parágrafo, o vocábulo repete-se por três vezes. Nas quatro primeiras linhas transcritas, a exclamação acompanha o substantivo, traduzindo a veemência do discurso. O idoso interlocutor não desmente o jovem parceiro, valendo-se do segmento V para questionar o jovem por que as cidades têm má aparência, com “ruas (...) estreitas, tortuosas e mal calçadas”, e casas “baixas, feias, e sem elegância”, por que aos palácios falta pompa e grandeza, e aos templos, dignidade e religião, a marinha é “miserável” e “se ri o estrangeiro que aporta ao Brasil” Ele responde às próprias perguntas, atribuindo ao escravismo a responsabilidade pela lamentável condição nacional: “É porque o belo e o grande é filho do pensamento – e o pensamento do belo e do grande é incompatível com o sentir do escravo.” (Dias, 1959, p. 744).

À explicação dada, sucede o diagnóstico dos efeitos do escravismo, motivo dos prejuízos que alcançam tanto o cativo, quanto o indivíduo livre. Aquele nunca poderá ser um arquiteto, “porque a escravidão é mesquinha, e porque a arquitetura, filha do pensamento, é livre como o vento que varre a terra”; pelo contrário, mostrar-se-á “negligente e inerte, porque não lhe aproveitará o suor do seu rosto; porque a sua obra não será a recompensa de seu trabalho; porque a sua inteligência é limitada, e porque ele não tem o amor da glória.” (Dias, 1959, p. 745). Da sua parte, “o homem livre dará de mão às boas-artes, porque não quer ombrear com o escravo, que é infame e desonroso.” Também “não se dará à marinha, esse potente veículo do comércio e da civilização, porque a marinha está inçada de escravos.” Emergem desse quadro o preconceito e o racismo:

E se os seus vestidos roçarem a opa do escravo, ou a esclavina do liberto, ele os sacudirá com asco; e se a sua mão roçar amigavelmente a mão do escravo, ele a cerceará do pulso – como, pois, o chamará colega?! (Dias, 1959, p. 745).

A denúncia do escravismo domina o capítulo inicial da *Meditação*. As duas partes subsequentes do escrito igualmente expõem os problemas que, segundo Gonçalves Dias, por meio da voz do ancião e das reações de seu jovem discípulo, assolam a vida nacional: no segundo capítulo, questiona o patriotismo, no qual o idoso não acredita; no terceiro, recupera a trajetória histórica da nação, referindo-se à aniquilação dos indígenas, que rompe com a harmonia entre o ser humano e a natureza construída pelos povos originários e devastada pelo comportamento dos “que chamamos civilizados” (Dias, 1959, p. 760).

A representação dos conquistadores busca despertar o horror e a rejeição daquilo que o jovem identifica, em nova visão propiciada por seu companheiro: os navios que os trazem tomam a configuração de “gigantes monstros”, e os homens “apinhados sobre o convés”, “homens sordidamente cobiçosos, que procuravam um pouco de ouro, pregando a religião de Cristo com armas ensanguentadas”, “homens que se cobriam com o verniz da glória, destroçando uma multidão inerme e bárbara, opondo a bala à frecha – e a espada ao tacape sem gume.” (Dias, 1959, p. 760).

O efeito do confronto desigual é descrito de modo surpreendente e crítico pelo narrador, que beira a escatologia:

E o país tornou-se a sentina impura de um povo pigmeu, que para ali reservava os seus proscritos, os seus malfeitores, os seus forçados e as fezes de sua população. (Dias, 1959, p. 761).

O narrador, recuperando o percurso histórico, destaca a esperança subsequente à emancipação política, contrariada, contudo, quando constata a retomada das divisões raciais, não sendo levada em conta “a diversidade das opiniões”, e sim “a variedade d[e] suas cores.” (Dias, 1959, p. 764). O narrador retoma a crítica ao escravismo, destacando os interesses que unificam o pensamento de filósofos e proprietários, destinados a justificar, os primeiros calcados na suposta “lei da natureza”, os segundos, em seus interesses econômicos, o servilismo dos “homens de cor preta” (p. 764).

A parte final, não publicada na *Guanabara*, mas recuperada por Antônio Henriques Leal, centra-se sobretudo na crítica da atualidade política, destacando a corrupção política – “os Delegados da Nação, que não contam com o voto aturado e livre do povo, vendem-se impudicamente” – e a passividade das pessoas, que, sem “consciência, por lhe faltar instrução”, aceitarão “o candidato, que lhe for apresentado por um Mandarim, ou por um chefe de partido às tontas improvisado.” (Dias, 1959, p. 773).

Lúcia Miguel Pereira observa de Gonçalves Dias que “talvez seja sua a primeira voz de poeta que se levantou em seu favor [dos escravos].” (Pereira, 2018, p. 167). Wilson José Marques reitera a anotação da biógrafa do poeta, citando que *Meditação*, nas palavras dela, “tem o valor de ser o primeiro grito contra a escravidão na literatura brasileira.” (Marques, 2010, p. 10). Lembra, por outro lado, que o texto não teria sido bem recebido à época, já que sua publicação foi interrompida.

A suspensão de sua difusão por Guanabara talvez se deva ao teor político do texto, que ataca o escravismo por suas consequências, uma delas sendo o atraso da sociedade e o comportamento pouco produtivo dos homens brancos, como, na década anterior, diagnosticaram Gonçalves de Magalhães e Francisco Torres Homem. A *Meditação*, da sua parte, não é a única manifestação de Gonçalves Dias diante do escravismo: “A escrava” de *Primeiros cantos*, dá voz a uma mulher que canta a saudade do Congo, de onde foi

arrancada, enquanto é objeto da violência de seu senhor. Em *Tabira*, dos *Segundos cantos*, a cena de encerramento do poema mostra o espaço da senzala onde indígenas e homens de “negra pele”, “escravos também” (Dias, 1959, p. 245), recordam, de modo melancólico, as proezas do protagonista do relato de pendor épico.

Gonçalves Dias, portanto, não ficou indiferente ao escravismo à época em que retornava de Portugal e estabelecia-se em sua terra natal. Nesse período, aumentara de modo notável o número de africanos desembarcados no Brasil, somando aproximadamente seiscentas mil pessoas entre 1830 e 1850<sup>3</sup>, ano este em que a Lei Eusébio de Queirós tornava ilegal o tráfico de escravizados. Na Europa, a Inglaterra, amparada sobretudo pelo Bill Aberdeen, visando à “Supressão do Comércio de Escravos”, de 1845, liderava o movimento no sentido de abolir o comércio de seres humanos entre a África e a América, valendo-se ostensivamente da Marinha para patrulhar o Atlântico (Bethell, 2002).

O jovem poeta e bacharel em Direito passara vários anos em Portugal, onde frequentara a academia, de modo que estaria atualizado quanto aos debates relativos àqueles acontecimentos que, como se observou antes, envolvia intelectuais e políticos desde a Constituinte. A pressão britânica poderia eventualmente açular o patriotismo brasileiro, mas Gonçalves Dias provavelmente não tomaria esse caminho, considerando que, na *Meditação*, o sábio ancião recusa essa atitude de modo veemente.

O retorno do Velho Continente, somado ao presumível isolamento na pequena Caxias, logo após a conclusão dos estudos universitários, pode ter motivado o posicionamento das personagens de *Meditação*, que parecem não admitir qualquer tipo de conciliação diante da exploração do trabalho escravo e do processo predatório do colonizador europeu na América. Gonçalves Dias retoma similar tom incriminatório no “Canto do Piaga” e “Deprecação”, de *Primeiros cantos*, bem como no canto terceiro de *Os timbiras*, a epopeia que provavelmente redigiu no período consecutivo à sua volta de Coimbra (Leal, 1874, t. III, p. 89-90). Nesses poemas, contudo, não aborda a questão do escravismo, assunto que se apaga aos poucos em sua trajetória intelectual.

No Rio de Janeiro, busca um lugar no meio letrado local, condição de sua sobrevivência econômica e requisito para sua afirmação literária, decorrente sobretudo de seu envolvimento com a vertente indianista. Essa, da sua parte, contava com uma história consolidada na literatura brasileira, praticada com intensidade desde o século XVIII e paulatinamente reconhecida por críticos como Santiago Nunes Ribeiro (?-1847) e Joaquim Norberto (1820-1891), prestigiados intelectuais que, nos anos 1840, determinavam os rumos da cultura nacional.

---

<sup>3</sup> <https://brasil500anos.ibge.gov.br/territorio-brasileiro-e-povoamento/negros>. Acesso em: 10 fev. 2024

Não se trata de julgar as escolhas de Gonçalves Dias nas fases subsequentes à *Meditação*. Mesmo porque, nas datas em que o Fragmento foi redigido e, depois, publicado, o escravismo, ao contrário do que ocorrera nas décadas anteriores, caracterizadas pela diversidade de movimentos políticos e reivindicatórios, não mobilizava a elite cultural do Rio de Janeiro. Assim, não surpreenderia que o artista maranhense preferisse deixar o assunto de lado, mesmo porque sua procedência étnica não parecia afetá-lo. Mais relevante talvez fosse a condição de “filho natural” ou “ilegítimo”, como destaca Lúcia Miguel Pereira na biografia dedicada ao poeta. Por seu turno, o debate, a representação e a denúncia do escravismo somente retornam à cena ao final dos anos 1850, em dramas como *O escravo fiel* (1859), de Carlos Antônio Cordeiro (1812-1866), ou *Mãe* (1860), de José de Alencar (1829-1877), artigos de Machado de Assis (1829-1908) e poemas de Luís Gama (1830-1882), como os que pertencem à compilação *Primeiras trovas burlescas de Getulino* (Gama, 2000).

Depois de publicada, em versão inacabada na *Guanabara*, *Meditação* só é lembrada por Antônio Henriques Leal, ao agrupar, em impressos póstumos, às vezes com alguma interferência pessoal, as criações que Gonçalves Dias, em vida, não reuniu em livro. E lá ficou, raramente lembrada pelos historiadores da literatura nacional. Na biografia já mencionada, redigida nos anos 1940, Lúcia Miguel Pereira concede pouco espaço ao texto, o que não configura seu resgate, confirmado apenas na recente pesquisa de Wilton José Marques.

O fragmento não oferece uma nova faceta do nosso provavelmente principal representante do Romantismo. Mas, à sua maneira, amplia a imagem que se pode extrair da sua obra, que, se não detém a exclusividade da militância da causa antiescravista, é talvez a manifestação mais enérgica à época em que o cativo de africanos era legalmente praticado e disseminava-se sem freios, movido pela expansão dos setores agrícolas e pela leniência do poder político representado pelo monarca.

Dependente, em certo sentido, desse monarca e das instituições vinculadas a ele, Gonçalves Dias, domiciliado no Rio de Janeiro, capital do império, amoldou a direção de suas criações pela necessidade de não desafiar a ordem dominante, usufruindo o melhor que essa poderia lhe oferecer no sentido de viabilizar sua arte e seu trabalho criativo.

## Referências

[ANÔNIMO]. *Memória sobre o comércio dos escravos em que se pretende mostrar que este tráfico é, para eles, antes um bem que um mal*. Rio de Janeiro: J. Villeneuve, 1838.

BETHELL, Leslie. *A abolição do comércio brasileiro de escravos*. Trad. Luís A. P. Souto Maior. Brasília: Senado Federal, 2002.

BONIFÁCIO, José. *A abolição*. Reimpressão de um opúsculo raro de José Bonifácio sobre a emancipação dos escravos no Brasil. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1884.

DIAS, Gonçalves. *Meditação* (Fragmento). *Guanabara*: Revista Mensal Artística, Científica e Literária, Tomo 1, p. 102. Rio de Janeiro: Tipografia Guanabarensis de L. A. F. de Menezes, 1850. <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/docreader.aspxbib=700630&past a=ano%20185&pesq=descarnada&pagfis=105>. Acesso em: 03 fev 2024.

DIAS, Gonçalves. *Meditação*. In: \_\_\_\_\_. *Obras póstumas de A. Gonçalves Dias*. São Luís: ???, 1868. V. III.

DIAS, A. Gonçalves. *Meditação*. In: \_\_\_\_\_. *Obras póstumas de A. Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Garnier, 1909.

DIAS, Gonçalves. *Meditação* (Fragmento). In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa escolhida*. Org. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. p. 741-774.

DIAS, Gonçalves. *Tabira*. In: \_\_\_\_\_. *Poesia completa e prosa escolhida*. Org. Manuel Bandeira. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. p. 238-245.

GAMA, Luiz. *Primeiras trovas burlescas & outros poemas*. Ed. Ligia Fonseca Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GUIMARÃES, Jéssica de Oliveira. *O Romantismo e a liberdade em Beatriz Cenci: um estudo sobre o drama gonçalvino*. 2021. 104p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade de São Paulo, 2021.

LEAL, Antônio Henriques. Antonio Gonçalves Dias. In: \_\_\_\_\_. *Pantheon Maranhense*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1874.

LIRA, Priscila Souza de. *Consagração e infâmia: a recepção crítica da dramaturgia de Gonçalves Dias*. 2012. 109p. Dissertação (Mestrado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Pará, 2012.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves de. Ensaio sobre a história da literatura do Brasil. Estudo preliminar. *Niterói*. Revista Brasiliense. Ciências, Letras e Artes. Paris: Dauvin et Fontaine, 1836. Tomo 1, v. 1, p. 132-159.

MARQUES, Wilton José. *Gonçalves Dias – o poeta na contramão*. Literatura e escravidão no Romantismo Brasileiro. São Carlos: EdUFSCAR, 2010.

PEREIRA, Lucia Miguel. *A vida de Gonçalves Dias*. Brasília: Senado Federal, 2018 [1943].

SALDANHA, José da Natividade. *Poemas oferecidos aos amantes do Brasil*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1822.

SILVA, M. Nogueira da. *Bibliografia de Gonçalves Dias*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1942.

TORRES HOMEM, Francisco Sales. Considerações econômicas sobre a escravatura. *Niterói*. Revista Brasiliense. Ciências, Letras e Artes. Paris: Dauvin et Fontaine, 1836. Tomo 1, v. 1, p. 35-82.